

# MEMÓRIAS DO SÉCULO XX: BÊNÇÃO PATERNA E QUASE-MEMÓRIA, DE CARLOS HEITOR CONY

*Lauro Belchior Mendes*  
Universidade Federal de Minas Gerais

Cada século trazia a sua porção de sombra e de luz, de apatia e de combate, de verdade e de erro, e o seu cortejo de sistemas, de idéias novas, de novas ilusões; em cada um deles rebentavam as verduras de uma primavera, e amareleciam depois, para remoçar mais tarde.

Machado de Assis.

**E**ste texto tem sua origem em uma pesquisa que estou realizando. Tudo aqui será provisório, pois nada intenciona uma palavra final sobre as questões abordadas. Ele me dá a oportunidade de pôr ordem em alguns pontos sobre os quais venho refletindo, pontos esses que dizem respeito à produção literária contemporânea e os modos como ela vem ou deveria estar sendo estudada. O ponto central será a leitura de *Quase memória*, de Carlos Heitor CONY, relacionada a algumas outras obras publicadas nesta década de noventa, que fornecem subsídios para a reflexão. Elas se constituem em exemplos de escritas plurais, participantes de vários estatutos, configurados através da conjunção de discursos em que predominam o elemento memorialístico, histórico e literário; ao lado de interpretações inscritas em outras áreas do conhecimento, traçam um significativo painel da cultura que se desenvolveu neste século. O poder da leitura, enquanto estabelecadora das correspondências de significação, consequência própria do caráter itinerante das escritas destes anos 90, constituirá

o pano de fundo de minhas observações. Essas visam essencialmente à colocação dos estudos literários brasileiros frente ao quadro geral internacional de estudos, nem sempre literários, e que têm sido identificados como estudos culturais, pós-modernos, pós-coloniais, pós-ocidentais, pós-socialistas e, mesmo, pós-tudo.

Muitos estudiosos têm concentrado seus interesses na memória deste século. Conforme observa Renato Janine RIBEIRO, o nosso fim de século parece retomar o espírito do *fin-de-siècle* característico do século XIX:

Este é o segundo fim-de-século da história. Não basta terminar um século para haver um fim-de-século. É preciso que, junto com as datas, finde um estilo de vida, e que esse final esteja bem marcado, enquanto continua indefinido o que vai substituí-lo. Foi isto, em seus traços essenciais, o “fin-de-siècle” na França. (...) a incerteza é o traço mais importante de nossa época. Daí que, pessoalmente, eu prefira a sensibilidade do fim-de-século aos fins que, arrogantes, ora se proclamam de uma coisa, ora de outra.<sup>1</sup>

Assim como no final do século passado, existe um certo mal-estar nestes dias que estamos vivendo, como revela o texto citado. De fato temos assistido ao aparecimento de discursos que decretam o fim do mundo e a morte de várias formas de saber. Apesar de tais decretos, a História ainda continua e existem pessoas que insistem em acreditar na desejada superação do fantasma do horror econômico. Sou daqueles que, de acordo com a bela reflexão de HOBBSAWM,<sup>2</sup> acreditam que, enquanto existir o homem, existirá a História.

Como estudioso da Literatura Brasileira e observador das tendências teórico-literárias das últimas três décadas, gostaria de afirmar imediatamente essa minha crença na necessidade do estudo histórico, que me tem servido sempre na condução de minhas leituras. Porque estamos vivendo os últimos anos deste século XX, é imperativo que façamos um balanço do que ele significou em termos

---

<sup>1</sup> RIBEIRO, 1997, p.11.

<sup>2</sup> HOBBSAWM, 1996, p.16.

das heranças recebidas, e de como vivenciamos as fabulosas e brutais transformações que se exibem no presente. É emblemático, sobretudo para nós brasileiros, o fato de que a virada do século signifique também o meio milênio de nossa inserção no quadro geral da Civilização Ocidental. Retomando as incertezas referidas por Renato Janine RIBEIRO, penso que seria importante, por exemplo, que não nos fiássemos demasiadamente em tudo o que se tem escrito nos últimos anos, sobretudo em discursos que funcionam como reflexos identificadores de tendências e correntes, comprometidas com determinadas filosofias e ideologias, em sua essência, autoritárias. Não há como não duvidar de que o presente seja o estado definitivo de nossa civilização e não esteja subordinado ao eterno fluxo das transformações. Como se o que se chama de globalização fosse um estado terminal de nossa civilização e não estivesse subordinado ao princípio da impermanência. Novamente recorro ao pensamento de HOBBSAWM:

Talvez a característica mais impressionante do fim do século XX seja a tensão entre esse processo de globalização cada vez mais acelerado e a incapacidade conjunta das instituições públicas e do comportamento coletivo dos seres humanos de se acomodarem a ele. <sup>3</sup>

Falar de História, em qualquer lugar deste planeta, significa primeiramente o não esquecimento de que nós, seres humanos, fazemos parte de um tempo que possivelmente se iniciou há quinze bilhões de anos atrás e segue seu curso – completando seu ciclo de vida em direção à morte – nos dias atuais. Fazemos parte desse tempo e permanecemos no processo de sua continuidade.

A História mostra-me com lucidez a perseguição da origem e a humilhação bem urdidadas em favor dos que colonizaram nosso país. Não se trata de “clássica lamentação”, quando vamos reportá-la à nossa condição de humilhados e ofendidos. O pudor, imposto pela necessidade de estarmos em dia com o pensamento dominante, nos impede de usar os velhos nomes proibidos de *capitalista* e

---

<sup>3</sup> HOBBSAWM, 1996, p. 24.

*imperialista*, embora todos saibamos que essa atitude só vem acrescentar mais poder às contemporâneas formas de dominação. Neste ponto posso inquietamente ouvir a voz de FORRESTER:

Nous n'entendons même plus le glas de certains mots. (...) Combien d'autres termes baignent en revanche dans les charmes de la désuétude: *profit*, certes, mais aussi, par exemple, *prolétariat*, *capitalisme*, *exploitation*, ou encore ces *classes* désormais imperméables à toute lutte! Employer ces archaïsmes serait faire preuve d'héroïsme.<sup>4</sup>

Arcaísmo e heroísmo. As palavras de FORRESTER me fazem lembrar a trágica ausência de constrangimentos em reproduzir o pensamento do outro, de forma tão dependente. Vai nisto uma boa dose da fatalidade trazida pelos primeiros brancos, fatalidade essa que foi e continua sendo transmitida a cada geração, com as devidas adaptações contextuais necessárias. Ela se traduz na importação de arsenais teóricos, que nos garantam uma inserção “inteligente” no mundo intelectual contemporâneo, ao insistir na repetição acrítica e passiva de modelos que acabam por se constituir em auxiliares das novas formas de dominação. Ao longo de nossa história tem-se renovado a fantasia, mas o espírito continua quase imutável nos dias presentes. Esse não é entretanto um fato isolado e aponta para a consequência facilmente observável: nossos desvalidos sempre estiveram entregues à sua própria sorte, antigos escravos vieram integrar seu contingente e o conjunto não tem os meios necessários para desconfiar da suposta excelência da máscara hoje ostentada pela Civilização Ocidental.

A razão é sem dúvida a nossa grande herança da Civilização Ocidental. Somos demasiado racionalistas para negar a sua presença entre nós. Mesmo os esforços mais irracionais acabam por enclausurar-nos numa linguagem que sempre se repete e, ao se desejar dogmática e autoritária, acaba por se constituir perdidamente numa nova razão. Oswald de Andrade, na escrita do *Manifesto Antropófago*, em 1928, fez o julgamento desta razão caracterizadora

---

<sup>4</sup> FORRESTER, 1996, p. 28.

da Civilização Ocidental. Pensar antropofagicamente significa, antes de mais nada, pensar através da crítica ao bom senso, ao senso comum, à moral e aos bons costumes ocidentais. É por isso que a Antropofagia é anti-racionalista, é parricida, na medida em que coloca em xeque a razão ocidental: ela é uma anti-razão, ou em outras palavras ela constitui uma razão outra. Parodiando Haroldo de CAMPOS,<sup>5</sup> direi que a nova razão antropofágica é subversiva, desafiadora, politicamente incorreta para os padrões desta sociedade que se deseja globalizada e inofensiva. A nova razão antropofágica desconfia dos bons propósitos dos sentimentos que se institucionalizaram no Ocidente. Contrariamente ao pensamento antropofágico de Oswald de Andrade, nosso tempo é caracterizado por feudos de saber que vão se constituindo em novas formas de razão. Novos futuristas desejam o holocausto de museus e bibliotecas, que se consideram agora inúteis repositórios do saber do passado e, portanto, não têm mais interesse para as suas maneiras de conceber o mundo, o pensamento e a arte. As sociedades globalizadas desejam a paz do acriticismo e do pensamento banalizado.

Por detrás do brilho das teorias dispersivas, dos jogos de idéias e palavras, pode-se esconder inconfessável armadilha. Trabalhamos com uma parte do patrimônio histórico-cultural que convencionalmente chamamos de Literatura – patrimônio constituído por valores passados e presentes, os que já são História e os que ainda estão em processo de vir a ser. Olhar o passado é necessário para compreender o que se produziu aqui, na América Latina, como se pôde produzir, na esteira da grande tradição literária ocidental, a que estamos tão ligados e contra a qual deveríamos praticar o parricídio fundamental. É necessário olhar o passado com o pensamento em Mário de Andrade: “O passado é lição para se meditar, não para reproduzir”.<sup>6</sup> O parricídio: ele não deve ser praticado contra o passado apenas por ser o passado: todo passado é uma fonte de

---

<sup>5</sup> CAMPOS, 1992.

<sup>6</sup> ANDRADE, 1974, p.29.

conhecimento e de proposições para o futuro. Ele tem que ser praticado para que possamos ultrapassar o Pai, como a um Todo Poderoso que sempre muda a máscara, mas no fundo permanece sempre o Mesmo. O Pai como o grande colonizador atemporal. Assim, é preciso reconhecer a permanência dos fantasmas do Pai na realidade presente, entre os quais resta, todo-poderosa, a face do autoritarismo, embutida nas interpretações de caráter oficial. “As garrafas podem ser novas; o vinho, entretanto, é de uma velha safra”, argumenta CHOMSKY, ao discutir as novas formas de se exercer a dominação.

PAZ, ao longo de sua carreira de pensador, tem uma maneira instigante de conceber o homem e o mundo, sobretudo ao procurar entender “a condição mexicana”. Respeitando as diferenças entre Brasil e México e, principalmente, tentando evitar a “naturaleza casi siempre ilusoria de los ensayos de psicología nacional”,<sup>7</sup> gostaria que, de alguma forma, minha reflexão também pudesse ter alguma utilidade no estudo da “condição brasileira”, no quadro presente dos estudos literários. O texto de Paz a que estou me referindo faz parte de *El laberinto de la soledad*, escrito em 1950. Nos vários ensaios que compõem esse livro fundamental para se compreender as idéias do escritor mexicano, já se encontram pensamentos que chamam a atenção dos leitores de hoje pela pertinência de suas ponderações: *La historia es tiempo: nada en ella es durable y permanente. Aceptar-lo es el comienzo de la sabiduría.*<sup>8</sup>

PAZ fala de homens, de vida, de morte e da necessidade de exercício da atividade crítica, o que me leva a pensar numa expressão cunhada por HOBSBAWM recentemente, ao notar o excesso de crença no momento atual, que ele chamou de “presentismo”. O pensamento de PAZ nos faz mergulhar num processo complexo, que, sem desfazer do progresso tecnológico, devolve o homem à

---

<sup>7</sup>PAZ, 1994, p. 12.

<sup>8</sup>PAZ, 1995a, p. 13.

sua História, enquanto ser humano, como o faz igualmente o historiador inglês. É consciente de sua fragmentação, como parte da História da humanidade, que PAZ escreve o *Itinerario*, em 1993, em que nos relata sua história intelectual e ideológica, numa autobiografia dedicada à Literatura, aos homens e à busca de compreensão do ser mexicano no campo vasto das nacionalidades e das culturas. Frente a imposições do mercado, com a morte dos códigos de honra, PAZ desenvolve um pensamento ético sobre as questões políticas do mundo contemporâneo e sobre a finalidade da crítica:

El ejercicio de la crítica requiere inteligencia y, así mismo, carácter, rigor moral. La crítica que propongo es ante todo una autocrítica. Su misión consiste en extirpar en su raíz la mentira, que es el mal que mina a las élites de esos países (de pueblos oprimidos y de culturas humilladas), especialmente a los intelectuales, y que los lanza hacia quimeras y espejismos. Sin esa reforma moral, los cambios sociales y económicos se convertirán en cenizas...<sup>9</sup>

PAZ define aí o ponto central de seu pensamento: a crítica, o rigor moral, ou seja, uma preocupação com a ética da escrita, o que significa assumir um comprometimento político. A partir disso, penso na sobrevivência humana e penso particularmente nas especificidades de um país como o nosso, na Literatura aqui produzida e no que se escreve sobre ela.

Este longo preâmbulo é necessário para justificar a questão que quero colocar acerca da Literatura produzida hoje no Brasil e acerca das maneiras de estudá-la. Deixo claro que estou falando de livros, estou inserido numa cultura dos livros, feitos de papel, uma realidade material concreta existente principalmente a partir de Gutemberg.

Depois de vinte e três anos de silêncio, em 1995, Carlos Heitor CONY publicou *Quase memória*, em que colocou a rubrica “quase romance”. Numa nota introdutória, intitulada “Teoria geral do quase”, afirmou:

---

<sup>9</sup> PAZ, 1995b, p. 108.

Daí a repugnância em considerar este Quase memória como romance. Falta-lhe entre outras coisas, a linguagem. Ela oscila, desgovernada, entre a crônica, a reportagem e, até mesmo, a ficção. Prefiro classificá-lo como “quase romance, o que de fato é. Além da linguagem, os personagens reais e irreais se misturam, improvavelmente, e, para piorar, alguns deles com os próprios nomes do registro civil. Repetindo o anti-herói da história, não existem coincidências, logo, as semelhanças, por serem coincidências, também não existem.

Como se sabe, nesse livro, CONY relata a história de seu pai. Ao mesmo tempo em que é recuperada a figura humana de seu pai, o Autor vai aos poucos destruindo-a, a fim de que a literatura se possa fazer. Em outras palavras: a fim de que o vivido se transforme em texto. Através da figura do pai, a história brasileira do século XX vai sendo recontada e exposta, nesse texto em que jamais estão ausentes o rigor moral e a ética da escrita.

CONY começa por ironizar sua própria linguagem, quando afirma que a do livro não é do romance. Para o leitor que o conheceu através de crônicas publicadas em jornais, a ironia está presente na dedicatória: *para Mila, a mais que amada* (nas crônicas, o Autor se refere com frequência à sua cachorra de estimação já morta, Mila). A dedicatória e o tom debochado da “Teoria geral do quase” nos remetem, portanto, a um contexto bem próximo da ironia machadiana, tal como vem expressa no conhecido prólogo de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, por exemplo. A linguagem “desgovernada” de CONY encontra a obra “difusa” de Brás Cubas. A contradizer o primeiro, num mergulho na metalinguagem, o narrador das “memórias quase”, declara: “Uma quase-memória, ou um quase-romance, uma quase biografia. Um quase-quase que nunca se materializa em coisa real (...)”<sup>11</sup> Da mesma forma que MACHADO DE ASSIS narra as falsas memórias de Brás Cubas, CONY vai se ocupar das memórias quase-verdadeiras de outro – um embrulho fechado que está presente em toda a narrativa e evoca seu pai, Ernesto Cony Filho. Daí a “quase-memória”, que, na opinião do

---

<sup>11</sup> CONY, 1997, P.95.



narrador, se materializa num “quase-romance”, onde se entrelaçam a memória de um e a escrita de outro. Ao mesmo tempo em que é recuperada a imagem do pai, o Autor vai aos poucos destruindo-a, para que a escrita literária possa se fazer, ou em outras palavras, para que o vivido se transforme em texto. Daí o “quase-quase” que vai individualizar *Quase memória* na produção literária brasileira contemporânea, que tanto pode ser lido como narrativa ficcional quanto livro de memórias e pode agradar principalmente aos não tão “sérios” ou os nem tão “frívolos” do prólogo machadiano, por se situarem muito além daquelas “colunas máximas da opinião”.

O enfoque da figura paterna vai possibilitar a CONY escrever uma obra em que várias frentes de leitura podem ser estabelecidas. Direta ou indiretamente, se fazem presentes os mesmos percursos dos textos citados de HOBBSAWM e PAZ. Ernesto Cony Filho morreu em 1985, aos noventa e um anos. O seu périplo pela vida é o de um legítimo carioca da classe média da Zona Norte do Rio de Janeiro, com truques de malandragem numa realidade histórica que é, na superfície, exclusivamente brasileira. Além de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, podem-se ler, nas entrelinhas da construção dessas memórias de Ernesto, outros textos significativos da Literatura Brasileira, como *Memórias de um sargento de milícias*, *Triste fim de Policarpo Quaresma*, *Macunaíma*, e tantos outros textos que têm como personagem central a figura do anti-herói. Como decorrência dessa condição de anti-herói, pode-se, em Ernesto Cony Filho, reconhecer a capacidade de mentir, de inventar ficções, como nesta passagem em que se lembra de Absalão, amigo de infância:

Obedecendo à tradição dos melhores narradores da história, de Homero em diante, o pai fazia do amigo de infância uma colagem de outros meninos que fora encontrando pela vida, e outros que ele ia inventando conforme a inspiração e o auditório da hora.<sup>12</sup>

---

<sup>12</sup> CONY, 1997, p.27.

Como se pode observar, as histórias do suburbano Homero carioca são sempre contadas e nelas o auditório assume um poder dominante (um autor, seus leitores, sua crítica). O embate entre pai e filho percorre todo o texto, numa incessante luta, que vai do constrangimento à mais absoluta admiração. Apesar do poder inventivo, o pai está sempre à margem do literário, seu universo ficcional é construído a partir da vida cotidiana, o que o aproxima do estatuto dos cronistas:

Ele não apreciava ficção escrita, preferia a oral e era mestre em sua arte em seus encantos. Se decidisse abdicar do relato oral para escrever um texto sobre alguma coisa, não seria uma história qualquer, mas um desabafo que, na vida real, no dia-a-dia de seu tumultuado viver, ele conseguira esconder dos outros e de si mesmo.<sup>13</sup>

Assim, o filho se reduplica no pai. O filho é superior ao pai, uma vez que se institui enquanto detentor da palavra escrita, ou seja, estabelece um processo de construção através da destruição. A morte do pai é a vida do texto. Histórias e Memórias em percursos de uma vida e de uma escrita. A História do ponto de vista do historiador que se assume *mais como contemporâneo do que como estudioso*.<sup>14</sup> HOBSBAWM afirma categoricamente: “Se o historiador tem condições de entender alguma coisa deste século é em grande parte porque viu e ouviu”.<sup>15</sup>

Por essas e muitas razões, o texto de CONY ocupa um lugar privilegiado na Literatura Brasileira Contemporânea. Como estou procurando mostrar, o texto não se constrói apenas em torno da história de Ernesto, mas também em torno do próprio processo de escrita do “quase-romance”: a memória do presente vai se construindo na medida em que o passado vai sendo dissecado e se busca uma compreensão para ele. Longe dos modismos, o Autor se

---

<sup>13</sup> CONY, 11997, p.129.

<sup>14</sup> HOBSBAWM, 1996, p. 7.

<sup>15</sup> HOBSBAWM, 1996, p. 8.

retrata na figura do pai, na busca de compreensão humana do personagem, que é, no fundo, uma busca de compreensão de si mesmo, enquanto sujeito da escrita e brasileiro legítimo, vivendo no final deste século. Assim, o final do livro é singular: a figura de Ernesto é esquecida (enquanto objeto do texto) e CONY se ocupa de si mesmo, na solitária madrugada em direção à Barra, poesia da solidão humana e da falta de sentido da vida:

Estou agora na enseada da Barra, dezoito quilômetros de avenida e mar. De raro em raro passa um carro em sentido contrário, só eu pareço estar indo para algum lugar, embora não tenha para onde ir, nem vontade disso tenho. Vou andando, para onde a noite e o carro me levarem.<sup>16</sup>

Os textos literários se emaranham nos acontecimentos históricos e pessoais. Depois de vivenciar a incompreensão da direita e da esquerda e colocar fim ao silêncio auto-imposto, CONY retoma seu lugar na cena literária brasileira e revela em *Quase memória* seu compromisso com a sociedade, ponto crucial de sua escrita. Nela, mais uma vez, ele demonstra que o sentimento de solidariedade entre os homens não é um luxo de corações ternos mas uma profunda necessidade de autoconservação.<sup>17</sup>

É aqui que algumas questões essenciais se colocam. Em que ponto as novas leituras da História podem contribuir para uma nova visão da História Literária? Como uma nova visão da Historiografia Literária poderá entrar em diálogo profícuo com as outras formas de saber da contemporaneidade? Qual é o espaço da Historiografia de nossas literaturas frente à Historiografia Literária intercultural e plurinacional, incluindo aí sobretudo as matrizes do movimento de globalização?

Penso que essas questões são fundamentais, principalmente porque apontam para caminhos ainda a serem construídos. Seu sentido se faz na necessidade de se estudar a Historiografia da

---

<sup>16</sup> CONY, 1997, p.210.

<sup>17</sup> KAZANTIZÁKIS, 1997, p.120-131.

Literatura em bases não totalmente “novas” ou “desconhecidas”, mas que tomem como referência principal as problematizações presentes nos demais estudos de História. O objetivo é considerar a História da Literatura Brasileira enquanto participante e componente complicado deste vasto painel nomeado “Civilização Ocidental”. “Complicado” porque o próprio da identidade da Literatura Latino-americana é a dialética entre ser parte integrante dessa civilização e ser, ao mesmo tempo, a encarnação da necessidade de crítica, sobrevivência e superação dos limites dessa mesma civilização. São muitos os problemas a serem discutidos e por tudo o que disse fica clara a minha intenção de realizar uma leitura política dos textos literários.

## Referências Bibliográficas

- ANDRADE, M. *Poesias Completas*. Belo Horizonte: Itatiaia/USP, 1987.
- ANDRADE, Oswald de. Manifesto Antropófago. *Revista de Antropofagia*. São Paulo: Abril Cultural, 1975.
- CAMPOS, H. *Metalinguagem e outras metas*. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- CHOMSKY, N. *Novas e velhas ordens mundiais*. Trad. de Paulo Roberto Coutinho. São Paulo: Scritta, 1996.
- CONY, C. H. *Quase memória*. 9. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.
- FORRESTER, V. *L'horreur économique*. Paris: Fayard, 1996.
- KAZANTZÁKIS, N. *Ascese - Os salvadores de Deus*. Trad. de José Paulo Paes. São Paulo: Ática, 1997.
- HOBSBAWM, E. *A era dos extremos - O breve século XX*. Trad. de Marcos Santarrita. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.
- MACHADO DE ASSIS. *Obra completa*. Rio: Nova Aguilar, 1992.
- PAZ, O. *Itinerario*. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.
- RIBEIRO, R. J. Fim de tudo, ou só de século? *Folha de São Paulo*. 11/7/97. Caderno Mais.

## Resumo

Um tipo de escrita que tem sido muito freqüente nos dias atuais busca resgatar a história do século XX, seja de natureza histórica, memorialística, ficcional, etc. Octavio Paz, por exemplo, relata a história de seu desenvolvimento ideológico em *Itinerario* (1993), uma espécie de “biografia política”. Outro exemplo pode ser encontrado em *Era dos extremos - O breve século XX. 1914-1991* (1994), onde Eric Hobsbawm narra a história deste século, a partir de um ponto de vista centrado na visão da testemunha. Essa indeterminação das escritas de Paz e Hobsbawm tem o seu reflexo em *Quase-Memória* (1995), de Carlos Heitor Cony: neste livro o Autor reconstrói a imagem paterna, através da memória e da ficção, enquanto fixa a memória do século XX brasileiro.

## Résumé

Le but de cet essai est de récupérer la dimension de l'histoire du XX siècle dans les études littéraires contemporains. Dans *Itinerario*, Octavio Paz écrit sur son développement idéologique personnel, de la même façon qu'Eric Hobsbawm (*Age of extremes. The short twentieth century: 1914-1991*) (1994) raconte l'histoire de ce siècle du point de vue du témoin. L'indétermination des deux auteurs peut être retrouvée dans *Quase memória* (1995), de Carlos Heitor Cony, à la fois récit littéraire et autobiographique. L'auteur y reconstruit l'image paternelle, au même tant qu'il établit un discours sur la mémoire du vingtième siècle brésilien. Basé sur ces trois auteurs, cet essai se veut une réflexion sur la littérature brésilienne actuelle.